

**METAFORIZAÇÃO DO ITEM ATÉ:
UM ESTUDO FUNCIONAL-DISCURSIVO**

Christiana Lourenço Leal (UFRJ)

INTRODUÇÃO

O item *até*, na Língua Portuguesa, vem passando por uma abstratização derivada de um processo de metáforização, já previsto pela teoria localista (G Lakoff & M Johnson, 1980 e Lyons, 1970), segundo a qual a formação de novas estruturas linguísticas parte de conceitos espaciais, ampliando-se para conceitos temporais e para outros ainda mais abstratos. É através dessa teoria que se pode analisar a transformação ESPAÇO > TEMPO > TEXTO pela qual passa o item em questão.

Neste trabalho, pretende-se comprovar que a gramaticalização do item *até*, objeto de pesquisa de nossa dissertação de mestrado, está intimamente ligada ao processo de metáforização. Como consequência disso, pode-se traçar uma escala de abstratização para o item *até* em diferentes contextos de uso.

Os estudos atuais sobre a língua em uso e, conseqüentemente, em movimento apresentam o conceito de gramaticalização como sendo o processo pelo qual um item lexical passa a gramatical ou como um item já gramatical passa a ainda mais gramatical a depender do contexto em que é usado (cf. Poggio, 2002).

Vários são os teóricos que estudam o processo de gramaticalização. A definição do processo é mais ou menos a mesma em todos os estudos. No entanto, a abordagem que se dá a ele possui algumas diferenças.

A definição clássica e mais aceita de gramaticalização é a de Hopper e Traugott (1993), *apud* Neves (2004): “Gramaticalização é o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. A partir desse conceito, deve-se observar que a gramaticalização é parte de um estudo funcionalista sobre a linguagem, já que se trabalha em relação a “contextos linguísticos” e se trata o fe-

ANÁLISE DO DISCURSO II

nômeno como um “processo”, ou seja, não é algo pronto, definido, mas sim mutável constantemente em decorrência do uso.

Poggio (2002, p. 61) ressalta que J Bybee & W. Pagliuca (1994) assinalam que, do sentido lexical, desenvolve-se o gramatical, “através de um processo de generalização ou enfraquecimento semântico e um dos mecanismos usados é a extensão metafórica”.

No presente trabalho, deseja-se, portanto, analisar o fenômeno da gramaticalização com base na teoria localista e na metaforização discursiva que um item pode sofrer na língua.

A METAFORIZAÇÃO DO ITEM *ATÉ*

Em outros trabalhos, tratamos da gramaticalização do item *até* e, dentro de nossos estudos, inserimos a questão da metáfora. De fato, é através de um processo de metaforização que o item *até* sofre gramaticalização, passando de um nível mais concreto para um nível mais abstrato no contexto da língua.

É possível ver em outros trabalhos nossos, a proposta de uma escala de abstratização pela qual passa sincronicamente o item *até*, uma vez que se pôde perceber, ao longo da análise já feita em nossa pesquisa de Mestrado, usos cada vez mais abstratizados do item em questão. Assim, os exemplos em que o item *até* figura como elemento do discurso mostram uma ideia de limite muito mais abstrata do que nos usos espacial e temporal. Esta ideia de limite faz-se presente na maioria dos casos, mas não em todos. Há, ainda, os casos em que ela é levada ao esvaziamento, funcionando o item *até* muito mais como um organizador do discurso do que como um operador argumentativo. São os casos em que optamos por classificá-lo como um marcador discursivo:

Exemplo (1):

também não... de... **ATÉ**... eu venho do cedo pra cidade né? eu quase... eu chego na cidade sete horas né? (NURC-RJ, inquérito d2-296)

Em (1), nota-se que o item *até* funciona como encadeador do discurso, em uma tentativa de manutenção desse discurso, mas sem transmitir qualquer ideia. É como se o informante estivesse pensando

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

no que iria dizer e utilizasse o item *até* para manter o turno de fala consigo.

Como o item *até* é tão produtivamente usado como adicionador de comentário, é normal que os falantes da língua comecem a usá-lo sempre que pensam em adicionar um comentário novo ou como introdutor de qualquer declaração, tenha ela relação argumentativa com o discurso ou não.

Pelo esvaziamento significativo que representa este uso de *até*, opta-se por classificá-lo como marcador discursivo, tendo em vista que adquire a função de *preenchedor de pausa* (cf. Martelotta, 1996, p. 262).

Observe-se, agora, o exemplo (2), recolhido de um folheto de bar:

Exemplo (2):

Falar pelos cotovelos. Falar à beça. Falar à vontade. Falar contra a vontade. Falar **ATÉ**. (Botequim *Falabeça*)

Em (2), observa-se um uso mais recente do item *até*: sem qualquer sintagma após ele. Na verdade, pode-se interpretar esse uso como um apagamento do SN posterior ao *até* que pode ser depreendido pelo contexto. Algo como “falar até não poder mais”. Este uso já foi incorporado na fala dos mais jovens como uma espécie de gíria: “beijar até”; “andar até”; “falar até”...

Nesse caso, a abstratização do item é tão forte que já não é mais necessário um termo posterior a ele: seu uso se basta para a comunicação de sentido no discurso. De fato, o que se percebe, aqui é que *até* assemelha-se a *muito*, num claro uso como advérbio de modo: a maneira como se fala.

A comprovação de que o item *até* passa por uma escala de abstratização na direção espaço > tempo > texto, nos moldes da teoria localista de Lyons (1980), bem como a aplicação dos princípios de Hopper (1991) ao fenômeno em questão, mostraram que a gramaticalização é o processo que determina a coexistência dos diferentes usos do item *até* no português atual. A função textual do item parece estar se especializando cada vez mais na língua, tendo em vista o

ANÁLISE DO DISCURSO II

grande número de ocorrências de *até* como operador argumentativo nos *corpora*.

Observem-se os seguintes exemplos:

Exemplo (3):

... um trem bellissimo flecha que se chama ... que corta o Chile de debaixo **ATÉ** em cima... então nós subimos depois... de Puerto () **ATÉ** Santiago do Chile... nesse trem... () de um lado... (NURC-RJ, inquérito d2-296)

Há, em (3), três elementos responsáveis pela transmissão da ideia de lugar, sendo dois deles — a preposição *em* e o advérbio *cima* — indicadores de localização estática e um deles — a preposição *até* — indicador de localização dinâmica (limite de movimento no espaço).

Ainda no exemplo (3), observa-se que o item *até* funciona como preposição e inicia um SPrep com a função de adjunto adverbial de lugar. Neste caso, o item *até* também pode ser classificado como um elemento *transpositor* (Azeredo, 2004, p. 210), visto que transpõe um nome próprio de lugar (“Santiago do Chile”) à função adverbial. São muito comuns os exemplos em que o item *até* vem sucedido por um nome de lugar. Em textos em que se deseja indicar um caminho, uma orientação para se chegar a determinado endereço, é muito comum o uso da preposição *até* para indicar os limites que se deseja impor em relação ao caminho a ser percorrido.

Por fim, cabe ressaltar que o uso de *até* no exemplo (3) é espacial e a ideia de localização no espaço ainda é bastante concreta.

Exemplo (4): ...também está completamente diferente da situação da rua quando eu era criança... em Ramos eu ainda morava quando... acho que **ATÉ** a minha adolescência vi... nas proximidades da minha casa... um jeito... campos... peladas diferentes né... e hoje não existe mais nenhum desse jeito... e hoje a rua é muito mais movimentada do que era na minha época... então... talvez já seja um risco muito maior jogar bola na rua... não sei.. (Varport, inquérito Oc-B-9C-1m-002)

No exemplo (4), o informante reflete sobre o fato de não se jogar mais futebol na rua como há algum tempo se fazia. Ele afirma que “até a sua adolescência” presenciou “peladas de rua” e que, talvez, por representar um risco, o tempo em que se jogava bola na rua não existe mais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O uso do item *até* no exemplo (4) evidencia um limite temporal. Ao traçar uma linha do tempo, o informante percebe que até a época em que ele era adolescente ainda havia esse tipo de prática. No entanto, hoje, que ele já é adulto, não existe mais.

Estruturalmente, o item *até* vem seguido por um SN (“a minha adolescência”) formando com ele um SPrep com função adverbial. Funciona, portanto, como elemento *transpositor*, pois faz com que um item de base nominal passe a exercer a função de adjunto adverbial de tempo.

Essa transposição exercida pelo uso de “*até* – temporal” repete-se ao longo dos *corpora* em exemplos como “até este dia”, “até os dezoito anos”, “até uns oito anos de idade”, “até o final do ano”, “até uma certa temperatura” etc. Em todos os casos, sublinham-se os SN levados à condição de limite pelo uso da preposição *até*. Todos os SN sublinhados são *transpostos* à função de adjunto adverbial de tempo nas sentenças a que pertencem.

Entretanto, não é apenas unindo-se a SN que o item *até* pode funcionar como elemento *transpositor*. Uma considerável parte dos exemplos de “*até* temporal” mostram o item *até* precedendo orações reduzidas de infinitivo, como é o caso do exemplo a seguir:

Exemplo (5):

...você põe numa panela e vai mexendo no fogo **ATÉ** ficar com aquela consistência assim... não muito dura...(D&G-RJ, Informante de segundo grau)

Em (5), há 3 orações: 1ª) “você põe na panela...”; 2ª) “...e vai mexendo no fogo...”; 3ª) “...até ficar com aquela consistência assim...”. A primeira e a segunda orações são coordenadas entre si, mas a terceira oração é subordinada à segunda e exerce a função de adjunto adverbial de tempo. Assim, analisando a relação que há entre a segunda e a terceira orações, classificam-se como: 2ª) oração principal e 3ª) oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo. O elemento conector entre as duas orações é o item *até*.

Entretanto, além da função de conector oracional, o item *até* exerce ainda outra: a de elemento *transpositor*. Ao unir-se à oração reduzida, faz com que esta oração possa funcionar como adjunto adverbial da oração principal. A transformação de uma oração em ter-

ANÁLISE DO DISCURSO II

mo sintático de outra oração pode ser classificada como *transposição* e o elemento sintático responsável pela *transposição* que ocorre no exemplo (5) é a preposição *até*.

Exemplo (6):

DOC – você mantém contato com alguma dessas pessoas com quem você saía?

LOC – lá? ah... tem... tem às vezes corresponde... não porque... eu estou no Rio... uma lá? ah... tem... tem às vezes corresponde... não porque... eu estou no Rio... uma outra foi pra São Paulo... a outra está lá ainda... mas pra ir... foi um pra cada canto né... Tem gente em (?).. tem gente em... Astolfo Dutra em... Governador Valadares... tem gente que foi **ATÉ** pra Tocantins... então fica difícil... né... fica muito difícil da gente se reunir de novo...(Varport, inquérito Oc-B-9C-002)

No exemplo (6), tem-se, assim como em alguns exemplos do “*até espacial*” e do “*até temporal*”, uma construção em que o item *até* aparece sucedido por uma preposição (*pra* = para) somada a um nome próprio indicador de lugar. No entanto, em (6), o item *até* não funciona como uma preposição. Apenas o item *pra* deve ser classificado como preposição neste exemplo, pois relaciona dois termos subordinando o segundo ao primeiro. Caso o item *até* fosse retirado do texto, a sentença não se tornaria agramatical, visto que é perfeitamente possível falar “tem gente que foi pra Tocantins”. Assim, o item *até*, elemento discursivo, tem presença facultativa na sentença.

No exemplo (6), o item *até* não encabeça um SPrep. Na verdade, o SPrep é iniciado pela preposição *pra* — “pra Tocantins”. Toda a análise feita sobre o item *até*, nos exemplos anteriores, funciona para a preposição *pra* (para) neste exemplo: é ela o elemento *transpositor* responsável pela *transposição* de Tocantins (substantivo) à função de adjunto adverbial de lugar, além de ser a responsável pela indicação de movimento espacial, sem, é claro, a ideia de limite que é específica do item *até*.

Esta ideia de limite, reforçando a tese de que o item *até* sofre um processo de gramaticalização sincronicamente na Língua Portuguesa, faz-se presente na significação do *até* que aparece no exemplo (6), ainda que ele deixe de ser uma preposição e passe a operador argumentativo. O exemplo (6) encaixa-se, portanto, no terceiro grupo da escala de abstratização: até espacial > até temporal > até argumentativo > até discursivo. Tal escala tem como base a metaforiza-

ção por que passa o item, tornando-se mais abstrato. A ideia de limite, que ainda está presente no item de maneira menos concreta, reflete a manutenção de características da forma original (persistência), já prevista nos princípios de gramaticalização de Hopper (1991).

Em (6), o emissor do texto pretende provar que as pessoas que faziam parte daquele determinado grupo foram, realmente, “*uma para cada canto*”. Para comprovar sua tese, ele vai citando os diversos lugares para os quais as pessoas foram (Rio, São Paulo, Astolfo Dutra, Governador Valadares). Dentre tantos lugares, ele cita Tocantins que considera distante o suficiente para provar que as pessoas do grupo foram mesmo para os mais diferentes lugares. Dessa forma, “*até para Tocantins*” serve como o argumento máximo em uma escala de argumentação que pretende comprovar a tese de que é difícil que aquela gente que fazia parte do grupo com quem ele saía possa se reunir novamente.

Exemplos como este, em que o item *até* funciona como operador argumentativo indicador de argumento mais forte, são os mais comuns atualmente na língua. De acordo com o princípio da *especialização* de Hopper (1991), um item linguístico que passa por gramaticalização tende a se especializar em um determinado uso, passando a ser, inclusive, obrigatório em determinados contextos. Parece que o item *até* passa por um processo de *especialização* na Língua Portuguesa e isso se dá por dois motivos: (a) a frequência de uso de *até* como elemento do discurso é, pelo menos, 50% maior do que a de outros usos; (b) quando é sinônimo de *inclusive*, *mesmo* e *até mesmo*, o item *até*, em detrimento de seus sinônimos, é preferido pelos falantes do Português atual.

Exemplo (7):

D – vocês falaram em crediário... como é que se faz um crediário? o que é?

L2 – olha o crediário é complicado... **ATÉ** que agora felizmente com o advento dos cartões de crédito isso melhorou... porque antes era aquela dependência e vai syndicar a vida da gente... e vai telefona pra (repartição) ... tem que ter uma pessoa conhecida pra indicar () não consegue crédito na hora... não consegue levar a mercadoria pra casa... (NURC-RJ, inquérito d2-269)

No exemplo (7), ao ser perguntado sobre o que vinha a ser “crediário”, o informante cita todos os fatores que fazem com que

ANÁLISE DO DISCURSO II

um crediário seja complicado, sem, no entanto, defini-lo. No entanto, apesar de todas as complicações da compra através do crediário (e aí está a concessão), o informante diz que, com o advento do cartão de crédito, os problemas diminuiriam.

Antes de mencionar a melhora que o advento dos cartões de crédito proporcionou, o informante usa a expressão “*até que*” usada, em contextos como este, com função concessiva. Classifica-se este tipo de uso do item *até* como sendo um marcador de contra-expectativa (cf. Baíão e Arruda, 1996): Apesar de todos os problemas do crediário, agora, com o advento do cartão de crédito, tudo tende a melhorar.

Em (7), a função de marcador de contra-expectativa é exercida não só pelo item *até*, mas sim pela expressão “*até que*” que, vale lembrar, não é a mesma que a GT classifica como “locução conjuntiva”, visto que não funciona como conector oracional. É, na verdade, um operador argumentativo que serve para marcar um argumento contrário ao restante do assunto do texto, quebrando a expectativa do ouvinte quanto às burocracias do crediário e mostrando que, desde então, existe uma maneira mais fácil de fazer uma compra a prazo: o cartão de crédito.

Exemplo (8): só... agora uma coisa que eu tenho notado por exemplo neste edifício... neste apartamento... eu **ATÉ** estava pensando nisso ontem... é que se haver... se houver algum problema de incêndio só tem uma escada... né? (NURC-RJ, inquérito did-084)

Em (8), ainda que o item *até* seja sinônimo de *inclusive*, seu uso já não é mais tão significativo como nos casos anteriores, o que aponta para uma ainda maior abstratização do item. Não é possível concluir uma argumentação clara em torno do uso deste *até*, como acontecia nos exemplos de (6) e (7). Aqui, o uso de *até* parece apenas incluir mais um comentário no discurso.

O exemplo (8) registra, portanto, um uso de *até* de classificação difícil, visto que, ao que parece, representa uma fase de transição entre o uso argumentativo e o uso como marcador discursivo. Não se pode negar, contudo, a ideia de inclusão que ele veicula. No entanto, esta inclusão, indica apenas uma ordenação no discurso e não faz diferença concreta no processo de argumentação. A metaforização já vai atingindo seu ponto máximo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Há interpretações possíveis para este texto, tentando dar ao item *até* um papel argumentativo mais forte. Por exemplo, poder-se-ia afirmar que o problema do incêndio é tão claro que “ontem” mesmo o informante estava pensando sobre isso. Isto é, pensa-se a respeito de um incêndio no edifício com tanta frequência porque o perigo é realmente iminente. Todavia, a intuição que têm os falantes da Língua Portuguesa os leva a refletir que, mesmo estes falantes, quando utilizam este tipo de *até* não têm noção exata da linha argumentativa que se pretende dar ao seu discurso. É, assim, nitidamente um uso mais vazio de significação do que os expostos pelos exemplos anteriores.

Após análise atenta dos exemplos presentes neste trabalho, é possível notar que o processo de ampliação de usos do item *até* é decorrente da metáforização do item que tem como consequência a gramaticalização. O item *até*, portanto, desde seu uso espacial, vai passando por um processo que obedece aos padrões da teoria localista de Lyons (1980) e à metáforização inerente ao processo de gramaticalização.

CONCLUSÃO

A metáfora parece ser, portanto, um dos mecanismos para que uma palavra ou uma construção deixe de ser autônoma e passe a gramatical. No fenômeno estudado neste trabalho, a metáfora é o principal componente, uma vez que a transferência de limite espacial para limite textual, promovida pela gramaticalização do item *até*, é devida a um enfraquecimento semântico do item original, com manutenção de algumas características, como a ideia limite.

De acordo com Castilho (1997), há um ritmo unidirecional nos processos de metáfora. Percebe-se um movimento que vai do sentido básico, mais concreto, discursivamente motivado, para sentidos derivados, mais abstratos, estruturalmente motivados. Na verdade, é importante observar que o processo de gramaticalização é caracterizado, simultaneamente, por perdas e ganhos semânticos, já que, ao mesmo tempo em que perde características funcionais e de significação da forma original, a forma gramaticalizada toma contornos próprios, adquirindo novas funções e novos sentidos.

ANÁLISE DO DISCURSO II

A partir desse estudo sobre a metáfora na gramaticalização, surgem inúmeras pesquisas. Uma delas é a que resultou na teoria localista (G Lakoff & M Johnson, 1980 e Lyons, 1970), segundo a qual a formação de novas estruturas linguísticas parte de conceitos espaciais, ampliando-se para conceitos temporais e para outros ainda mais abstratos.

O objeto desta pesquisa, o item *até*, é exemplo característico dessa teoria, pois originalmente tem significação de limite espacial, passa pela significação de limite temporal e pela de limite argumentativo, ou seja, textual, até chegar a uma perda total da noção de limite, quando se caracteriza como sendo um marcador discursivo.

BIBLIOGRAFIA

ANSCOMBRE, J.C. & DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. **In:** *Langages* 42, Paris: Du Seuil, 1976, p. 61-124.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

———. *Iniciação à sintaxe do português*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

BAIÃO, Rosaura de Barros & ARRUDA, Júlia. *Gramaticalização de até*. **In:** MARTELOTTA, M.; VOTRE, S. & CESÁRIO, M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: UFBA, 1999. Tese de Doutorado, 2 Vol.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

———. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios, preposições ou conjunções? Fronteiras entre classes de palavras*. **In:** VALENTE, André (org.). *Aulas de português*. Perspectivas inovadoras. Petrópolis: Vozes, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BYBEE, J.; PERKINS, R; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994, p. 125-174.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

———. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1986.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A gramaticalização In: Estudos lingüísticos e literários*, 19. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFBA, 1997, p. 25-64.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

DUBOIS, Jean *et alli*. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio do século XXI - O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna* 18ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GIVÓN, *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HALLIDAY, M.A.K. *Explorations in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HUNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization – A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. *Grammaticalization*. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 575-601.

ANÁLISE DO DISCURSO II

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva: 2001.

JAKOBSON, Roman. *Linguagem e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KURY, Adriano da Gama. *Gramática objetiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Rio, 1979.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization. A programmatic sketch*. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien – Projekts 48, 1982.

LIMA, Mário Pereira de Souza. *Grammatica expositiva da língua portuguesa para uso das escolas secundárias*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1937.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, John. *Linguagem e Lingüística – uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.

MARTELOTTA, M., VOTRE, S., CESÁRIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATEUS, Maria Helena *et alli*. *Gramática da língua portuguesa*. Portugal: Coimbra, 1989.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

NARO, A. J. & BRAGA, M. L. A interface sociolingüística / gramaticalização. *Revista Gragoatá*, nº 9, p. 125-134, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

———. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. Rio de Janeiro: Livraria Simões Alves, 1940.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. Rio de Janeiro: Ática, 2003.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

RIBEIRO, Manoel P. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa: uma comunicação interativa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, s/d.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1976.